Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

O ENSINO DE ARTE NA PERSPECTIVA DE VYGOTSKY: MEDIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO CRIATIVA

ART TEACHING FROM VYGOTSKY'S PERSPECTIVE: MEDIATION AND DEVELOPMENT OF CREATIVE EXPRESSION

LA ENSEÑANZA DEL ARTE DESDE LA PERSPECTIVA DE VYGOTSKY: MEDIACIÓN Y DESARROLLO DE LA EXPRESIÓN CREATIVA

Igor Uerlison Santos Siqueira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista/Bahia, Brasil

Adriana David Ferreira Gusmão
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista/Bahia, Brasil

REVISTA DA FUNDARTE

Resumo

A presença da Arte enriquece o repertório cultural, favorecendo uma maior propensão a atividades criativas. Este artigo tem como objetivo analisar como a mediação pedagógica, fundamentada na teoria histórico-cultural de Lev Vygotsky, pode potencializar o desenvolvimento da expressão criativa nas aulas de arte. A metodologia adotada é a da pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, articulando as obras de Vygotsky com a produção de autores contemporâneos e pesquisadores da arte-educação. A análise demonstra que a mediação se efetiva por meio de instrumentos materiais, instrumentos simbólicos e da mediação social (a interação com o professor e os pares na Zona de Desenvolvimento Proximal). Conclui-se que, na perspectiva vygotskiana, a expressão criativa não é um dom inato, mas uma função psicológica superior que se desenvolve através de interações sociais qualificadas, posicionando o professor como um mediador cultural essencial na construção da capacidade criadora dos alunos.

Palavras-chave: Mediação; Vygotsky; Ensino de Arte.

Abstract

The presence of art enriches the cultural repertoire, fostering a greater propensity for creative activities. This article aims to analyze how pedagogical mediation, based on Lev Vygotsky's historical-cultural theory, can enhance the development of creative expression in art classes. The methodology adopted is a qualitative bibliographical research approach, linking Vygotsky's works with the work of contemporary authors and art education researchers. The analysis demonstrates that mediation is realized through material instruments, symbolic instruments, and social mediation (interaction with the teacher and peers in the Zone of Proximal Development). It is concluded

SIQUEIRA, Igor Uerlison Santos, GUSMÃO, Adriana David Ferreira. O ENSINO DE ARTE NA PERSPECTIVA DE VYGOTSKY: MEDIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO CRIATIVA. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, p.1-15, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Volume 2026
ISSN 2319-0868

that, from a Vygotskian perspective, creative expression is not an innate gift, but a higher psychological function that develops through qualified social interactions, positioning the teacher as an essential cultural mediator in building students' creative capacity.
Keywords: Mediation; Vygotsky; Art Teaching.

Resumen

La presencia del arte enriquece el repertorio cultural, fomentando una mayor propensión a las actividades creativas. Este artículo busca analizar cómo la mediación pedagógica, basada en la teoría histórico-cultural de Lev Vygotsky, puede potenciar el desarrollo de la expresión creativa en las clases de arte. La metodología adoptada es una investigación bibliográfica cualitativa, que vincula las obras de Vygotsky con el trabajo de autores contemporáneos e investigadores en educación artística. El análisis demuestra que la mediación se realiza a través de instrumentos materiales, instrumentos simbólicos y mediación social (interacción con el docente y los pares en la Zona de Desarrollo Próximo). Se concluye que, desde una perspectiva vygotskiana, la expresión creativa no es un don innato, sino una función psicológica superior que se desarrolla a través de interacciones sociales cualificadas, posicionando al docente como un mediador cultural esencial en el desarrollo de la capacidad creativa de los estudiantes.

Palabras clave: Mediación; Vygotsky; Enseñanza del arte.

1. INTRODUÇÃO

Perceber as diversas possibilidades de aprendizagem e como esse processo acontece é algo esclarecedor e que desperta curiosidade e atenção para situações que até então passariam despercebidas. Após análises e discussões realizadas em relação ao estudo das teorias de ensino e aprendizagem e suas aplicações, surge o despertar proporcionado pela teoria histórico-cultural de Lev Vygotsky, quanto ao processo de ensino aprendizagem em aulas de Arte, de modo a explorar o papel fundamental da mediação e dos instrumentos utilizados pelo professor em sala de aula.

Ensinar Arte é aprimorar o olhar do estudante para a evolução da humanidade, proporcionando a este indivíduo o aprimoramento da sensibilidade, do pensamento crítico e da capacidade de expressão. Com isso, as aulas de arte

Volume 2026
ISSN 2319-0868

podem ser consideradas um espaço apropriado para a ampliação de concepções e visões de mundo, construindo assim conhecimento e aspectos essenciais para seu desenvolvimento.

E imersos nesse contexto educacional, este artigo se debruça quanto ao seguinte problema de pesquisa: De que forma a mediação do professor, por meio de instrumentos e sob a análise da teoria histórico-cultural de Vygotsky, contribuem para o desenvolvimento artístico e criativo? A relevância deste estudo encontra-se na necessidade de aprimorar a visão do ensino de Arte, e do professor enquanto mediador desse processo educacional, utilizando de uma teoria de aprendizagem para assim, fornecer aos educadores um arcabouço teórico que lhes permita atuar de forma intencional e eficaz no desenvolvimento da criatividade.

Com o intuito de responder à questão proposta, o objetivo geral deste trabalho é analisar como a mediação pedagógica, fundamentada na teoria histórico-cultural de Lev Vygotsky, pode potencializar o desenvolvimento da expressão criativa em aulas de arte. Como consequência deste objetivo e para complementá-lo surgem os objetivos específicos: discutir os conceitos de mediação, Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e a função dos instrumentos e signos na perspectiva vygotskiana; e relacionar a prática da mediação com o desenvolvimento da imaginação e da criatividade.

Visando o alcance dos objetivos e a resposta da questão apresentada, a metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. O desenvolvimento do trabalho está estruturado com a apresentação do referencial teórico que concede ferramentas necessárias para a sustentação da discussão, aprofundando o conhecimento sobre a teoria de Vygotsky e os conceitos centrais. Em seguida, apresenta-se as análises e discussões, onde articula-se a teoria com a prática pedagógica, sob a perspectiva da sala de aula. Por fim, as considerações finais retomam pontos centrais da discussão, sintetizando as contribuições do estudo, visando tornar o ensino de arte uma prática transformadora.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky

A Teoria histórico-cultural desenvolvida por Lev Vygotsky fornece a base para a compreensão da mediação como um processo intencional de estímulo à criatividade. Vygotsky (2007) propôs que o desenvolvimento das funções mentais tipicamente humanas não é um processo natural e universal, mas sim um fenômeno fundamentalmente social, histórico e cultural. Para ele, o ser humano não apenas reage ao mundo, mas o transforma ativamente e, nesse processo, transforma a si mesmo. Ainda de acordo com Vygotsky, o desenvolvimento humano ocorre por meio de interações com outras pessoas e com o ambiente cultural (Vygotsky, 1978).

Ao pensarmos na relação entre o indivíduo e a sua cultura, temos como interlocutor dessa relação a mediação, como principal conectivo entre os aspectos envolvidos, pois para Vygotsky a relação do homem com o mundo e com os outros não se estabelece de maneira direta, mas sempre intermediada pelo seu grupo cultural, através de dois tipos de mecanismos criados pela humanidade ao longo da história: os instrumentos e os signos.

Pode-se definir como instrumentos as ferramentas físicas utilizadas, que no ambiente artístico podemos inferir desde a utilização de um pincel, um lápis, uma tela, dentre outros objetos. Esses instrumentos tem o intuito de modificar o mundo físico e seu funcionamento, ou seja são idealizados para o mundo exterior. Já em outro ângulo, temos os signos que podem ser considerados como “instrumentos psicológicos”, sua orientação é interna, voltada para o próprio indivíduo, com a função de regular e transformar processos mentais como a memória, atenção, pensamento, dentre outros. Pensando no aspecto artístico, as obras de arte são exemplos de signos, pois funcionam como complexos sistemas visuais e afetivos que despertam em cada um suas particularidades e processos internos.

Além disso, a teoria histórico-cultural contribui para a compreensão da zona de desenvolvimento proximal (ZDP) como um espaço de aprendizagem e desafio,

Volume 2026
ISSN 2319-0868

em que os alunos são estimulados a avançar em suas habilidades artísticas com o apoio de seus pares e professores mais experientes (Vygotsky, 1978). Essa abordagem colaborativa valoriza a troca de conhecimentos, a construção e a reflexão conjunta, favorecendo um ambiente de aprendizagem participativo e significativo.

É através da mediação entre pares e da apropriação de instrumentos e signos, que o ser humano desenvolve capacidades que os distinguem de outras espécies, como a atenção voluntária, a memória lógica, a capacidade de formar conceitos abstratos e, crucialmente, a imaginação criativa. Longe de ser uma faculdade inata, a imaginação, nesta perspectiva, é uma função superior construída, alimentada pela experiência social e mediada pelos signos que a cultura oferece. Entender esses fundamentos é, portanto, o passo inicial e indispensável para analisar como a aula de arte pode ser compreendida como um espaço de mediação para o desenvolvimento da expressão criativa.

2.2 A Arte e a Criatividade na Perspectiva Vygotskiana

O Ser Humano ao se deparar com a Arte, se depara diante de diversas leituras de mundo ao qual está inserido, e é nesse meio envolvente que a vida se faz, refaz e todos estão envoltos e em busca de sentidos mais profundos e encorajadores. Vygotsky dedicou-se a compreender o fenômeno artístico não como um complemento da vida, mas como uma das atividades mais complexas e essenciais, referindo-se a arte como uma “emoção inteligente”, que resulta em uma profunda reorganização da nossa existência, definindo-a como uma “técnica social do sentimento” (Vygotsky, 2001).

Isso significa que a arte não apenas expressa ou descarrega sentimentos que já existem, mas os elabora, os combina e os supera, dando origem a uma nova realidade emocional e a uma nova compreensão da vida, dando um novo rumo individualmente e coletivamente. A obra de arte funciona como um relevante signo mediador que nos permite processar contradições e afetos, reformulando nossas convicções e direcionamento perante a vida. Conforme Pino (2005), o signo artístico é um "instrumento psicológico que os homens criam para agir sobre si mesmos

Volume 2026
ISSN 2319-0868

(sobre seus sentimentos, suas emoções, suas ideias), dando-lhes uma forma e um sentido que os torna inteligíveis não só para si mesmos, mas para os outros" (Pino, 2005, p. 148). A arte, portanto, é uma ferramenta cultural que nos permite partilhar e entender, de forma elaborada, a própria condição humana.

Nessa compreensão da relação entre a arte e a vida , que se desenvolve a imaginação e a criatividade. Vygotsky (2009) desmistifica a ideia romântica da criatividade como um dom inato. Ele a posiciona como uma função psicológica superior, ou seja, uma capacidade que se desenvolve ao longo da vida, a partir das interações sociais e da apropriação da cultura. A imaginação não se desenvolve de modo surpreendente, ela é fruto da reorganização de vivências, que vão constituindo um repertório de base para que outras possibilidades venham a surgir.

Disso decorre a lei fundamental que rege o processo criativo: a riqueza da imaginação é diretamente proporcional à riqueza e à variedade da experiência acumulada pelo indivíduo. Nas palavras do próprio autor:

> A atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da variedade da experiência anterior da pessoa, porque esta experiência constitui o material com que se criam as fantasias. Quanto mais rica a experiência da pessoa, tanto mais material se acha disponível para a sua imaginação. (Vygotsky, 2009, p. 24).

Portanto, o ato criador não é uma fuga da realidade, mas uma profunda imersão nela para, então, transcendê-la. Pesquisadores contemporâneos da abordagem vygotskiana, reforçam essa visão, afirmando que "a criatividade, em vez de um dom divino ou de um atributo de personalidade, é engendrada nas e pelas relações sociais que constituem os sujeitos" (Zanella, 2014, p. 43). A criatividade é, assim, uma prática social, situada em um contexto específico e dependente das mediações disponíveis.

Para Smolka (2012), o processo criativo está ligado ao "dinamismo da significação". Ao criar, o sujeito não apenas combina imagens mentais, mas opera com os signos da cultura, produzindo novos sentidos, e fornecendo novos significados para a sua criação como fruto de sua criatividade, tendo como base toda a sua releitura de mundo.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Em suma, na perspectiva vygotskiana, arte e criatividade são indissociáveis do processo de desenvolvimento cultural. A arte é a ferramenta social por excelência para a elaboração da experiência, e a criatividade é a função psicológica que, alimentada por essa mesma experiência e mediada pelos signos, permite ao sujeito não apenas reproduzir a realidade, mas também projetar novos mundos e novas formas de ser e sentir. Essa compreensão desloca o foco pedagógico do produto final para o processo, valorizando a ampliação de repertório e o fortalecimento das experiências vividas pelos envolvidos, além da qualidade das interações como o verdadeiro solo fértil para o florescimento da expressão criativa.

2.3 A Mediação nas Aulas de Arte

Se a arte é uma "técnica social do sentimento" e a criatividade uma função psicológica superior que se desenvolve a partir da riqueza de experiências, a sala de aula de arte se revela um espaço de imenso potencial. Contudo, esse potencial só se realiza por meio de uma ação pedagógica intencional e qualificada. É aqui que a figura do professor se transforma: ele deixa de ser um mero transmissor de conteúdos ou um supervisor de atividades para se tornar um mediador cultural, o principal agente na construção de pontes entre o aluno e o universo da arte. Transpor os conceitos vygotskianos para a prática significa compreender que cada gesto, pergunta e material oferecido pelo professor pode funcionar como um instrumento mediador, atuando diretamente na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) do estudante.

A mediação pedagógica em arte é uma postura que se manifesta em ações concretas. É a capacidade de ampliar os horizontes dos envolvidos em realizar tarefas e ressignificar a sua visão das coisas, tornando-o "capaz de funcionar num nível que ele só atingirá mais tarde, operando de forma independente" (Oliveira, 1993, p. 59). No contexto artístico, essa intervenção se materializa de diversas formas:

1. **A Mediação pela Linguagem e pelo Diálogo:** O momento da fala e da escuta por meio do diálogo proporciona aos envolvidos um rico momento criativo, por meio das rodas de conversa e do diálogo sobre os processos

Volume 2026
ISSN 2319-0868

criativos, sem emitir juízo de valor quanto as produções artísticas, mas procurando entendê-las, qual o sentido que aquele autor quis passar por meio de seu olhar de mundo e da sua criatividade.

2. A Mediação pelo Repertório e pela Contextualização: Como citado anteriormente, não idealizamos a ideia da existência de uma criatividade inata, então para que essa criatividade aconteça é preciso que a imaginação floresça com a utilização de um vasto repertório cultural. É nesse aspecto que a mediação dialoga com a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa. Para o fazer artístico partimos de três eixos da abordagem — (1) o Fazer artístico, (2) a Leitura de obras de arte e (3) a Contextualização — funcionam como um sistema de mediação completo. Ao mediar a leitura de uma obra, o professor não oferece um modelo a ser copiado, mas um universo de possibilidades. Conforme Barbosa (2005, p. 4), "a arte na educação, ao propiciar o desenvolvimento do conhecimento artístico e estético, abre janelas para o autoconhecimento e para o conhecimento do mundo". A contextualização histórica e cultural da obra e do artista fornece ao aluno os signos para compreender que a arte é uma produção humana, situada no tempo e no espaço, e não um ato de genialidade isolada, oferecendo a este aluno uma ampliação no seu repertório cultural.

3. A Mediação pelos Materiais e pelas Técnicas: A mediação do professor consiste em transformar a exploração do material em uma investigação, permitindo que ele concretize suas intenções expressivas, buscando conhecimento e analisando as possibilidades com aquele material, e deste modo avance em sua autonomia.

4. A Mediação pelos Pares e pela Colaboração: Vygotsky (2007) enfatiza a importância da colaboração com "companheiros mais capazes". O professor mediador é aquele que organiza o ambiente da sala para que os próprios alunos se tornem mediadores uns dos outros. Projetos coletivos, exposições dialogadas e a apreciação em grupo dos trabalhos são estratégias que fomentam essa troca. Um aluno pode aprender uma solução técnica com o colega, enquanto outro pode ter seu ponto de vista ampliado pelo comentário de um terceiro. Para Smolka, a sala de aula é um "espaço de práticas sociais

REVISTA DA FUNDARTE

onde (inter)agem sujeitos" (2012), e é na qualidade dessas interações que o conhecimento é efetivamente construído.

Em síntese, a prática da mediação vygotskiana nas aulas de arte desloca o eixo da educação do produto para o processo, e do indivíduo isolado para o sujeito em interação. Ao atuar como um curador de experiências, um propositor de problemas e um parceiro dialógico, o professor de arte instrumentaliza seus alunos com as ferramentas culturais, simbólicas e materiais necessárias para que eles não apenas se apropriem da cultura, mas também se tornem capazes de transformá-la, desenvolvendo uma voz criativa que é, ao mesmo tempo, pessoal e socialmente constituída.

3. METODOLOGIA

A presente metodologia utiliza-se da pesquisa bibliográfica como meio de investigação com abordagem qualitativa, a qual compreende os fenômenos em toda sua complexidade e privilegia, essencialmente, a compreensão dos fenômenos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação (Bogdan e Biklen, 1994).

A pesquisa bibliográfica, conforme define Gil (2008), é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Essa metodologia mostrou-se a mais pertinente para este estudo, uma vez que o objetivo central não é a coleta de dados empíricos inéditos, mas sim a análise, a interpretação e a articulação de um robusto corpo teórico para a compreensão de uma prática educativa específica.

A análise foi baseada nas obras de Vygotsky, que constituem o alicerce da discussão, especialmente por meio de **A formação social da mente** (2007), essencial para a compreensão dos conceitos de mediação e Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), e **Psicologia da arte** (2001), que fundamenta a relação entre pensamento e linguagem no campo estético. Soma-se a isso as reflexões de **Imaginação e criação na infância** (2009) sobre o potencial inventivo humano, além da produção acadêmica de pesquisadores contemporâneos que se debruçam sobre a teoria vygotskiana e a arte-educação.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Por fim, estabelecendo um diálogo consistente entre os conceitos fundamentais de Vygotsky e as discussões contemporâneas sobre a mediação pedagógica em arte, de modo a construir o arcabouço argumentativo apresentado ao longo deste artigo.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A aplicação da perspectiva histórico-cultural de Vygotsky ao ensino da arte nos permite entender a complexidade das mediações que constituem o processo de desenvolvimento da expressão criativa. Supera-se a visão do fazer artístico como um ato isolado de inspiração para compreendê-lo como uma atividade cognitiva e social, nutrida e impulsionada pela intervenção qualificada, por meio dos diferentes instrumentos mediadores que são mobilizados na prática pedagógica para atuar na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) dos alunos, transformando a sala de aula em um ambiente potente para a criação.

No contexto da aula de arte, os materiais são a interface mais imediata entre o aluno e a criação. A ação mediadora do professor é o que qualifica essa relação, transformando a exploração material em uma investigação.

Considere-se a utilização da argila. Em uma abordagem não mediada, o material é entregue com a comanda de "façam o que quiserem". Já o professor mediador problematiza o instrumento: "De onde vem este material? Qual a sua história? (Pensemos nas cerâmicas dos povos originários do Brasil). Qual a sua temperatura, sua textura? O que acontece quando adicionamos água? E quando a secamos ao sol?". Ao fazer isso, o professor convida o aluno a pensar *com* a argila. O material passa a oferecer resistências e possibilidades que exigem planejamento, antecipação e resolução de problemas, mobilizando funções psicológicas superiores.

A técnica, por sua vez, funciona como o "andaime" que permite ao aluno transpor um desafio em sua ZDP. Se um estudante deseja criar uma figura humana em pé, mas a peça repetidamente desmorona por falta de estrutura, ele se encontra em um impasse que pode gerar frustração e abandono. A intervenção do professor mediador não é fazer a peça pelo aluno, mas oferecer um suporte conceitual: "E se

Volume 2026
ISSN 2319-0868

pensássemos em um esqueleto para a nossa escultura, como o nosso próprio corpo tem? Vamos tentar usar um palito para dar sustentação?". Como afirma Oliveira (1993), a intervenção permite ao aluno operar em um nível que ele ainda não alcançaria sozinho. Uma vez internalizada essa noção de estrutura, o aluno se apropria de uma nova ferramenta de pensamento que poderá aplicar de forma autônoma e autoral em criações futuras, liberando, em vez de restringir, sua capacidade expressiva.

Se os instrumentos materiais permitem a ação no mundo, os instrumentos simbólicos organizam a mente. Conforme a lei de Vygotsky (2009), a criatividade depende da riqueza da experiência acumulada. Portanto, a principal tarefa do professor como mediador cultural é ampliar deliberadamente o repertório dos alunos, fornecendo a "matéria-prima" para a imaginação.

O instrumento simbólico por excelência é a linguagem. As rodas de conversa e de apreciação são momentos cruciais de mediação. Ao verbalizar sobre seu processo ("Eu escolhi o vermelho aqui porque queria mostrar a raiva do personagem"), o aluno organiza seus próprios afetos e toma consciência de suas escolhas. O professor mediador, como um "instigador de curiosidades" (Martins; Picosque; Guerra, 2009), faz perguntas abertas que expandem a reflexão: "De que outras formas a raiva poderia ser representada? Que outros artistas vocês conhecem que usaram cores para mostrar emoções fortes?".

Nesse sentido, a apreciação de obras de arte é uma prática de mediação fundamental, alinhada à Abordagem Triangular de Barbosa (2005). Ao apresentar uma obra de Cândido Portinari, o professor não a oferece como um modelo a ser copiado, mas como um signo cultural complexo. "Observem o tamanho das mãos e dos pés dos retirantes. Por que Portinari os pintou assim? O que isso nos conta sobre a vida dessas pessoas?". A obra funciona como uma janela para outras realidades e outras "técnicas sociais do sentimento" (Vygotsky, 2001). Esse contato qualificado com o patrimônio artístico fornece aos alunos novos elementos visuais, conceituais e afetivos para serem recombinados em suas próprias criações, enriquecendo suas produções para além dos estereótipos.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

A sala de aula na perspectiva vygotskiana é, por definição, uma comunidade de aprendizagem. O professor atua como o organizador desse ambiente social, onde a mediação não é uma via de mão única.

O papel do professor é, primeiramente, o de diagnosticar a ZDP dos alunos. Ele observa os saberes que os estudantes já consolidaram (nível de desenvolvimento real) e identifica os desafios que eles podem superar com ajuda (nível de desenvolvimento potencial). Com base nesse diagnóstico sensível, ele propõe problemas e projetos que mobilizem os alunos nesse espaço de aprendizagem. O desafio precisa ser autêntico: não "copie a Monalisa", mas "crie um retrato que revele algo sobre a personalidade de alguém que você admira". A proposta instiga a busca por soluções originais, exigindo que o aluno ative seu repertório e suas habilidades de forma criativa.

Igualmente importante é a mediação entre pares. Vygotsky (2007) ressalta que a colaboração com "companheiros mais capazes" é um motor para o desenvolvimento. O professor mediador fomenta ativamente essa colaboração. Em um projeto de xilogravura, por exemplo, um aluno com maior habilidade pode auxiliar um colega que está com dificuldade. Nessa interação, o primeiro, ao ensinar, reorganiza e solidifica seu próprio conhecimento, enquanto o segundo avança em sua ZDP. Como ressalta Smolka (2012), é na qualidade das interações entre os sujeitos que o conhecimento é efetivamente negociado e construído.

Em suma, a análise da prática em arte à luz de Vygotsky demonstra que a expressão criativa não é um dom, mas uma conquista. É o resultado de um processo dialógico, intencional e socialmente mediado. O professor, como mediador cultural, orquestra o uso de instrumentos materiais, simbólicos e sociais para construir um ambiente onde os alunos não apenas aprendam a fazer arte, mas aprendam a pensar com e através da arte, desenvolvendo as ferramentas para se expressarem de forma cada vez mais crítica, autônoma e significativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste percurso, buscou-se demonstrar como a perspectiva histórico-cultural de Lev Vygotsky oferece um arcabouço teórico significativo para repensar a

Volume 2026
ISSN 2319-0868

prática pedagógica nas aulas de arte. Perpassando pela ideia defendida que a expressão criativa não é um dom inato nem o resultado de um adestramento técnico, mas uma função psicológica superior, complexa e que se desenvolve por meio da mediação qualificada.

Retomando a questão central que norteou a pesquisa – *De que forma a mediação do professor, por meio de instrumentos e sob a análise da teoria histórico-cultural de Vygotsky, contribuem para o desenvolvimento artístico e criativo?* –, conclui-se que essa potencialização ocorre quando o professor assume seu papel de mediador cultural e organiza a sala de aula como um ecossistema de aprendizagem. Isso se materializa:

1. Ao transformar instrumentos materiais, como tintas e argila, em ferramentas para o pensamento investigativo, convidando os alunos a explorar suas propriedades e a resolver problemas.
2. Ao utilizar os instrumentos simbólicos, principalmente a linguagem e o repertório artístico, para ampliar a experiência dos alunos, fornecendo a matéria-prima essencial para a imaginação e tornando o processo criativo um ato consciente.
3. Ao fomentar a mediação social, organizando um ambiente colaborativo onde os próprios pares, sob a orientação do professor, atuam na Zona de Desenvolvimento Proximal uns dos outros, construindo conhecimento de forma coletiva.

As implicações deste estudo são diretas para a prática educativa. Para o professor de arte, oferece uma fundamentação para uma atuação mais intencional e reflexiva, que valoriza tanto o processo quanto o produto, e que compreende a importância das interações e da ampliação de repertório. Para a formação de professores, reforça a necessidade de integrar de forma mais profunda os conhecimentos da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem ao currículo de arte-educação.

Reconhece-se, contudo, as limitações deste trabalho. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, sua análise se deteve no plano teórico-conceitual. Abrem-se, assim, caminhos para pesquisas futuras que possam aprofundar a discussão. Sugere-se a realização de estudos de caso ou pesquisas etnográficas em salas de aula de arte, com o objetivo de observar e analisar as práticas mediadoras em ação, registrando as interações, os diálogos e os desafios enfrentados por professores e

Volume 2026
ISSN 2319-0868

alunos. Tais investigações poderiam oferecer uma valiosa contribuição empírica, validando e, possivelmente, complexificando as reflexões aqui apresentadas.

Fica, por fim, a certeza de que pensar a aula de arte pela lente de Vygotsky é apostar em uma educação que não se contenta em reproduzir a cultura, mas que busca fornecer aos estudantes as ferramentas para se apropriarem dela e, a partir daí, transformá-la, exercendo em plenitude sua capacidade de criar e de se expressar no mundo.

Referências:

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte.** 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em Educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994**.**

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do ensino de arte:** a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 2009.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky:** aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

PINO, A. **As marcas do humano:** às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita:** a alfabetização como processo discursivo. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** *o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.* 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e criação na infância.** São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZANELLA, A. V. Criatividade e processos de constituição do sujeito na psicologia histórico-cultural. In: VIRGOLIM, A. M. R. (Org.). **A criatividade como competência:** novos enfoques, outros olhares. Campinas: Papirus, 2014. p. 41-58.

Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Recebido em:08/09/2025 .
Aceito em:27/03/2026 .
Editor responsável: Júlia Maria Hummes
.

Igor Uerlison Santos Siqueira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia
Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEn), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).
ORCID: https://orcid.org/0009-0009-3183-0182
E-mail: igor.uerlison@hotmail.com

Adriana David Ferreira Gusmão
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia
Doutora e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Vitória da Conquista/BA.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1569-7384
E-mail: adrianadavid@uesb.edu.br

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

SIQUEIRA, Igor Uerlison Santos, GUSMÃO, Adriana David Ferreira. O ENSINO DE ARTE NA PERSPECTIVA DE VYGOTSKY: MEDIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO CRIATIVA. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, p.1-15, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE